

Apresentação

LINGUÍSTICA PLURAL: PERSPECTIVAS, METODOLOGIAS E DESAFIOS

Tendo seu início no ano de 2004, a Jornada de Estudos da Linguagem – JEL - encontra-se em sua décima edição. Contudo, diante de vários percalços vividos pela comunidade uerjiana, a exemplo do colapso fiscal do governo do estado do Rio de Janeiro no período entre 2015-2017 e a crise sanitária que se abateu sobre o mundo e, por consequência, entre nós, aqui, no estado fluminense, tivemos que interromper a realização desse importante evento voltado para discussões acerca dos estudos da linguagem na contemporaneidade. Por essa razão, estamos, particularmente, felizes com a realização da *X edição da JEL: Perspectivas, Metodologias e Desafios*, já que esta marca o retorno desse evento à cena acadêmica. Estamos felizes, igualmente, porque essa edição reafirma outra característica desse evento, qual seja: a promoção de encontros substanciais e calorosos entre o corpo de pesquisadores e pesquisadoras nacionais e internacionais; de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras e brasileiros em formação; de graduandos e de graduandas de todo o Brasil, e de professores e professoras da educação básica e seus respectivos estudantes fluminenses ou de fora do estado do Rio de Janeiro.

Com esse espírito, apresentamos um novo número da série de publicações das Jornadas, baseado em uma amostra das contribuições que o evento trouxe, em especial, para o campo dos estudos cognitivos, discursivos e aplicados no âmbito das variadas perspectivas teóricas e metodológicas e dos desafios que tais perspectivas apontam para a contemporaneidade. Sendo assim, organizamos esta publicação em duas dobras. Em sua primeira dobra voltada para as contribuições no campo dos estudos cognitivos e discursivos, temos o trabalho intitulado *A Culpa é Dos Hormônios: As metáforas Das Representações Do Masculino E Do Feminino* no qual a autora Ana Paula Ferreira, ao se valer dos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual e dos conceitos de nicho metafórico e de metáfora situada, discute a não essencialidade dos significados nas representações do masculino e do feminino a partir da análise de artigos de revistas que tratam sobre as diferenças entre esses gêneros. Ainda no campo da Teoria da Metáfora Conceptual, em seu trabalho intitulado *A Literalização De Metáforas Conceptuais Em Tirinhas: Uma Abordagem Pelo Viés Do Humor*, Camila Bento de Almeida aborda como a literalidade das expressões metafóricas é vista a partir da convencionalidade dessas expressões em gêneros textuais marcadamente humorístico e irônico como tirinhas, que foram, por sua vez, extraídas do material didático *Araribá conecta Português*, voltado para o ensino fundamental (6º ao 9º ano). Isso porque, para a autora, os aspectos convencionais das expressões metafóricas seriam automatizados de forma inconsciente; e nas tirinhas, estes seriam deslocados pelo humor, ou ainda pela relação entre linguagem, cognição e humor.

No âmbito do discurso, a partir do trabalho intitulado *Discurso e(m) mídia: uma proposta de debate sobre a mulher*, Ceres Carneiro, Phelipe Cerderia e Beatriz Paragó, com base nos objetivos de seu projeto de extensão intitulado *A discursivização da mulher em gêneros multimodais: alternativas de atividades para debater as questões do feminino*, se debruçam sobre o tema relativo à forma como a mulher é discursivizada na e pela mídia digital, em gêneros multimodais, de maneira a propiciar debate sobre o feminino junto a professores em formação ou não da educação básica. Para tal, buscam compreender os sentidos em torno do feminino e, conseqüentemente, relacioná-los às práticas extensionistas, mobilizando, de um lado, noções e conceitos da Análise do Discurso, de base materialista para, de outro lado, produzir, semanalmente, *posts* e publicações em contas específicas no *Instagram* e *Facebook* direcionadas a professores, em formação ou não. Ainda, de acordo com a Análise do Discurso, de base materialista, no trabalho intitulado *Um diálogo entre análise de discurso e literatura brasileira*, Cleber Ferredera Sales Bezerra busca estabelecer diálogo entre este campo de conhecimento e o da Literatura Brasileira a partir de um conto do século XIX, *De cima para baixo*, de autoria Artur Azevedo. O diálogo, segundo o autor, se daria, especialmente, entre, de um lado, o trabalho no sentido de apresentar ao aluno da Educação Básica, a forma como um documento elaborado ficcionalmente fornece recorte de múltiplas perspectivas para embasar leituras e relação com outros textos; de outro lado, o trabalho no sentido de promover atividades de leitura crítica ao mencionado público-alvo, que, na condição de autores, produzem sentidos; e, na condição de ator social, exerce seu protagonismo no mercado de trabalho. Para tal, o autor aborda a formação subjetiva desses alunos, trazendo em seu bojo, a subjetivação da posição social, como a do nome próprio (contemplada pelo tema central do conto de Artur Azevedo), em uma hierarquia de trabalho, utilizando, para tanto, o texto como unidade dispersiva e/ou como fonte de uma formação discursiva. Ainda no âmbito da abordagem discursiva ou historicizante, como apontam Dandara Oliveira e Douglas Firmino dos Santos, em seu trabalho intitulado *Políticas e práticas de entextualização acerca da feira de acari*, tal feira popular carioca, localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, se constitui em seu objeto de investigação; ou, ainda, as disputas semióticas acerca da feira de Acari, que teve, em janeiro de 2024, seu funcionamento proibido por Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, sob a alegação de que os produtos, nela, vendidos são originados do "crime organizado". Para tal, o autor e a autora se utilizam de um *corpus* constituído pelas declarações do prefeito no X (antigo *Twitter*) sobre o fechamento da feira e excertos de entrevistas no quais camelôs-ambulantes, que trabalham no interior de estações de trem, contestam tais declarações. Dandara Oliveira e Douglas Firmino dos Santos estimam, nesse sentido, que as relações sobre os entendimentos acerca da feira de Acari reiteram sobretudo o paradigma racista e classista; e que tais entendimentos transitam em ambientes *online-offline*, chamando a nossa atenção para como se retroalimentam e competem por legitimidade, o que nos permite entender que, conforme os textos viajam e são (re)contextualizados, sentidos são afirmados, mas também contestados e desestabilizados.

Retomando a abordagem cognitiva, com base nos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual, em especial o conceito de metáfora animal, Elisabeth Cristina Alves Marques discute, em seu artigo intitulado *A palavra, o mais puro fenômeno ideológico: os usos preconceituosos da metáfora animal no português do Brasil*, o caráter social e ideológico da metáfora em conceptualizações como homens homossexuais são veados; mulheres mais ativas e diversificadas sexualmente são piranhas; pessoas que estão acima do peso estipulado ideal são baleias; pessoas pretas são macacos; pessoas que estão acima da altura são girafas. A autora pondera, nesse sentido, que as pessoas que são metaforizadas como tais, tendem a ser vistas como

inferiores e subordinadas ao homem cisgênero, heterossexual, branco e rico que é, por sua vez, entendido como o *eu* enquanto todos os seus diferentes são entendidos como o *outro*. Flávio Soares, em seu trabalho intitulado *Política em rede: estratégias linguístico-discursivas de construção conceptual positiva do self e negativa do outro no x*, investiga, igualmente, o caráter sociocognitivo e crítico da metáfora nas estratégias linguístico-discursivas e conceptuais utilizadas na construção positiva do *self* e negativa do *outro* em discurso político. Para tal, analisa, com base em metodologia do tipo qualiquantitativa, as postagens dos perfis no X, antigo Twitter, do ex-presidente Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro); do deputado federal Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP) e da deputada federal Bia Kicis (@Biakicis). Por outro lado, segundo Gabriela Diniz Nascimento, Daniela Montenevo Alves e Lívia de Mesquita Carvalho, o que lhes interessa examinar, no trabalho intitulado *As contribuições da linguística cognitiva à poética cognitiva*, são as contribuições da Linguística Cognitiva para a Poética Cognitiva. Para tal, as autoras se valem da análise, por parte de Peter Crisp (2003), de poemas de D. H. Lawrence, a partir da qual aquele explora o acesso deste a estruturas conceituais específicas, a exemplo da metáfora conceptual, e sua evocação para os leitores. Acrescentam ainda que, por enfatizar a interação entre o texto e o leitor na produção de significado, a Estética da Recepção, ao cotejar a Poética Cognitiva, oferece perspectiva importante para os estudos literários.

Em termos de abordagem discursiva, para Laryssa Victoriano de Gouvêa, em seu artigo intitulado *Análise cartográfica do discurso: metodologias ativas e as práticas discursiva*, seria relevante promover uma reflexão sobre as práticas discursivas adotadas nas Metodologias Ativas, resgatando, para tal, o contexto da sua produção histórica e seus aspectos políticos. Assim, à luz do conceito de prática discursiva de Michel Foucault (2014), a autora busca, de um lado, aprofundar as análises discursivas a respeito das possíveis relações entre esses silenciamentos das articulações teórico-político-históricas; e, de outro lado, reforçar a palavra Inovação.

Retomando a abordagem cognitiva, em seu artigo intitulado *Metáforas do medo: literatura e cognição*, Morgana de Abreu Leal busca, à luz dos postulados da Teoria da Metáfora conceptual, compreender a emoção do medo por meio de metáforas conceptuais encontradas em três livros do autor estadunidense Stephen King. Para consecução de seu objetivo, a autora adota metodologia preconizada pela Análise Sistemática de Metáforas (SCHMITT, 2017), que compreende sete fases, desde a identificação do fenômeno-alvo até a apresentação de resultados.

A guisa de conclusão desta primeira dobra dos *Anais da X JEL: Perspectivas, Metodologias e Perspectivas*, a abordagem discursiva volta a ser contemplada por Paulo Lobemvein, em seu trabalho intitulado *Análise do discurso e psicanálise: a presença do ethos*, no qual o autor traz reflexões acerca da interdisciplinaridade entre a Análise do Discurso e Psicanálise. Para tanto, lança mão, sobretudo, da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, e do conceito de Ethos, elaborado por Dominique Maingueneau. Nessa toada discursiva, em seu artigo intitulado *Competência imagética, semântica global e os planos discursivos nas histórias em quadrinhos*, Rafael Schuabb aborda os planos discursivos que produzem sentidos na linguagem do gênero textual História Em Quadrinhos (HQ), à luz da análise do discurso de base enunciativa, em especial, dos conceitos de semântica global e de competências discursivas. Dessa forma, o autor busca compreender, de um lado, como a relação entre os diversos elementos que compõem esses planos discursivos das HQs produzem sentidos exclusivos ao gênero em questão, cujo entendimento por parte do consumidor ocorre em virtude de uma competência imagética; e, de outro lado, de posse dos resultados de tal compreensão,

como seria possível se utilizar de HQs em sala de aula de língua estrangeira (L2). Por último e não menos importante, em seu trabalho intitulado *Urgências discursivas... pesquisas menores: apontamentos acerca do ato de pesquisar em análise do discurso*, Tatiana Jardim Gonçalves se propõe a discutir o ato de pesquisar discursos e, mais especificamente, o que reconhece como urgências discursivas, por verificar a necessidade, apontada por ela, como premente, de que pesquisas desses tipo devem acompanhar os processos sócio-históricos e compreender as inscrições dos/nos discursos a fim de produzirem percursos científicos. Para tal, a autora busca refletir, á luz do conceito de Literatura Menor (Deleuze; Guattari (2023 [1975])), sobre prática de pesquisa cujas perspectivas são decoloniais/contracoloniais. Isso porque, para a autora, ler discursos a partir de um ferramental não hegemônico seria observar o funcionamento de lógicas de mundo e ressaltar a importância de assumirmos contracondutas.

Em sua segunda dobra, a dos estudos aplicados ou transdisciplinares, iniciamos com o trabalho de André Conforte, intitulado *A estilística na linguística de Joaquim Mattoso Câmara Jr.*, o qual debate a relevância dos estudos estilísticos para um dos principais linguistas brasileiros. Discorrendo sobre a inserção da estilística em várias obras de Mattoso Câmara e apoiando-se nos estudos anteriores de Possenti (2005) e Uchôa (2004), Conforte nos mostra como a estilística não pode ser considerada “uma área de interesse à parte na obra” de Mattoso Câmara. Seguem-se, a essa contribuição, dois trabalhos que enfocam o tema dos multiletramentos. Alessandra Cristina Campos Mendes e Diana de Jesus Ribeiro, em *Multiletramentos e compreensão de implícitos: um estudo a partir de textos imagéticos*, enfatizam a importância de desenvolver essa habilidade a fim de se alcançar completa compreensão dos gêneros textuais, hoje diversos e variados na sociedade contemporânea. Assim, enfocam os textos imagéticos e as possibilidades dos sentidos, finalizando com a análise de uma charge antirracista, relevante para o letramento, que não pode deixar de ser contemplado por um ensino crítico da língua portuguesa na escola. Essa é também a preocupação da próxima contribuição de Carla Vidal, Helena Ferreira de Araújo Langoni e Roberta Kerr. Intitulada *Multiletramento e cultura digital no ensino de língua portuguesa: vivência e reflexão na formação dos professores cariocas*, aborda uma formação continuada oferecida pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro aos seus docentes. A oficina relatada ilustra como se pode preparar professores “para um mundo cada vez mais digital e complexo, atualizando-os em novos letramentos e tecnologias de informação e de comunicação.” *Políticas linguísticas de e em línguas de sinais: observações sobre leis estaduais que tratam de língua de sinais no Brasil*, de Etienne Silva de Abreu, debruça-se sobre documentos oficiais na esfera estadual, considerando que “Os textos legais podem nos dar pistas sobre o que se pensa a respeito das línguas de sinais e como essas crenças se refletem nas ações propostas.”

O seguinte texto aborda a competência linguística em língua adicional, preocupado com o desenvolvimento de habilidades específicas, o que tem, cada vez mais, caracterizado o domínio de línguas adicionais no mundo globalizado e requer reflexões acerca de estratégias de ensino/aprendizagem que estejam em sintonia com essas exigências. Como ilustração bastante característica, Evelyn Calheiros de Jesus da Silva, em *Inglês para fins específicos: abordagens de estudo para a prova de língua inglesa do concurso de admissão à carreira de diplomata*, explora questões de língua inglesa das últimas cinco provas do Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (CACD), realizada pelo Instituto Rio Branco. Embora o emprego de tecnologias digitais para o ensino seja cada vez mais constante, Hudson dos Santos Barros, em *Sobre telas e normas: transversalidade e tecnologia digital no ensino básico*, traz uma discussão acerca

da preocupação com o excesso do uso de telas e dispositivos digitais em geral, com acesso à internet, remetendo ao relatório de monitoramento global da educação da UNESCO, publicado em 2023, assim como a publicação do decreto n. 53.918, de 1º de fevereiro de 2024, da Prefeitura do Rio de Janeiro, ambos na direção da relevância de se restringir esse uso. O autor enfatiza “a importância dos estudos acadêmicos para a compreensão da complexa relação entre as tecnologias digitais e o aprimoramento da aprendizagem no ensino básico, considerando aspectos positivos e negativos desse irreversível vínculo do mundo contemporâneo.”

Os três textos seguintes tratam de questões de língua e sociedade, pautando-se não só em questões de variação linguística e seus aspectos linguísticos como forma de filiação a uma comunidade linguística, mas também sobre as escolhas linguísticas como forma de exclusão e preconceito social, todas questões relevantes dentro das preocupações da Linguística contemporânea. A contribuição de Ian Jardim da Silva, *A reversão de gênero gramatical em comunidades de prática gay de Belo Horizonte*, traça um plano para um estudo aprofundado sobre a fala de indivíduos gays de um grupo de dança e um grupo de teatro da cidade de Belo Horizonte – MG, quanto ao uso do gênero gramatical. Partindo, assim, da perspectiva teórica da Linguística *Queer*, explora, a partir de Aikhenvald (2000), Corbett (1991), Tobin (2001), as possíveis funções atreladas à representação social da pessoa designada para a alteração do gênero gramatical, seja por parte do próprio falante, seja de seu interlocutor, a saber, função depreciativa, função aproximativa e função apreciativa. O autor acredita que a coleta estruturada dos dados permitirá verificar “que a adoção de determinados padrões linguísticos possa estar associada à busca por uma entre duas dessas três funções.” Em seguida, Letícia Rodrigues Coelho da Silva Marques, em “YA TEMI XOA!”: *a imagem do indígena em uma obra quinhentista*, explora escolhas lexicais e estruturais, presentes no texto quinhentista do português Gabriel Soares de Sousa: *Tratado Descritivo do Brasil*, para a referência aos indígenas brasileiros. Partindo, assim, de autores decoloniais e de vozes indígenas atuais, a autora mostra como uma “construção secular da imagem do indígena na mente da população não indígena brasileira permite discursos, ainda hoje, preconceituosos, estereotipados e que permitem, cada vez mais, retrocessos para essa parcela da população.” Em seguida, os resultados de uma pesquisa no campo da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) são reportados por Monique Débora Alves de Oliveira Lima, no artigo intitulado *O caso do acusativo anafórico de terceira pessoa em um continuum de gêneros textuais jornalísticos de uma amostra do corpus pró-norma plural*. A coleta de dados se deu a partir da proposta de um *continuum* de gêneros textuais do jornal *O Globo*, analisando-se a distribuição das formas variantes do acusativo anafórico de terceira pessoa, considerando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. A amostra analisada consistiu em sete gêneros textuais do jornal *O Globo*, agrupados em três porções de um *continuum*: (i) [+ oralidade]: tirinha e entrevista; (ii) [central]: crônica e notícia; e (iii) [+ letramento]: carta de leitor, artigo e editorial, sendo as variantes analisadas o clítico acusativo; o pronome lexical; o objeto nulo e o SN anafórico. A pesquisa confirmou a relevância do *continuum* para a variação, tendo prevalecido o uso do clítico acusativo na porção [+ letramento], enquanto, nas porções [central] e [+ oralidade], os gêneros mostraram-se mais flexíveis. É importante para se avaliar a possível percepção menos estigmatizada de certas variantes na língua portuguesa, falada no Brasil, a conclusão da pesquisa que, segundo a autora, indica que “a norma praticada na amostra analisada não corresponde exatamente às orientações dos manuais tradicionais, sendo plural e flexível.”

Por fim, encerra essa segunda parte, a contribuição de Quezia dos S. Lopes Oliveira, Maria Eduarda Luporini Bitar e Ana Luiza de Souza Moreira, com a apresentação do *Projeto Linguística e Ensino: uma agenda de trabalho extensionista voltada à formação de professores*. As autoras enfatizam como “os projetos de extensão em Linguística e ensino desempenham um papel crucial na formação continuada desses profissionais, retornando às comunidades externa e interna o conhecimento produzido dentro das universidades, além de permitir redirecionamentos nas pesquisas produzidas, a partir do contato direto com o seu público-alvo.”

Acreditamos que a leitura dessas contribuições ilustra não só a proposta de discussão ampla e plural, ou seja, a dinâmica da X JEL, mas paralelamente a diversidade de orientações teóricas inseridas no que se faz na Linguística hoje, assim como suas preocupações e interesses em descrever, entender e avaliar o que se faz na e com a linguagem. É profícuo, então, que a X JEL tenha acontecido justamente no ano em que se instala o Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, independentemente de Letras, na UERJ. Muito ainda se discutirá sobre as contribuições da Linguística não só para o fazer acadêmico, mas para as reflexões sobre a visão crítica que ela enseja.

Convidamos, assim, a todos para se deleitarem com os trabalhos aqui apresentados.

Fernanda Cavalcanti
Marina R. A. Augusto